

JOSÉ MARIA ALVES

MUTAÇÕES

POESIA

WWW.HOMEOESP.ORG

*O “ser” e o “não ser” – o nada –, aproximam-se.
Na mutação os extremos tocam-se.*

FEVEREIRO DE 2008

&&&

No princípio (mas nunca houve princípio!)
tudo fluía
Como agora flui
E como para sempre fluirá
Manifestando-se em formas múltiplas,
Impermanentes e ocasionais

Sujeitas a leis errantes, encobertas e locais.

O Ser vive em si,
No infinito, na eternidade.
Não habita em quem o vive
Nem no que vive.
Não está e não é,
É e está.
Indeterminado, inominado,
Sem fim ou começo,
Alto ou baixo, ou lado,
Sem espaço,
Não pode ser buscado.

Não existe para si,
Para mim, para ti;
Existe por si na eternidade.
O eterno sem centro é perfeito
Como o rio que corre no seu leito
E com humildade se faz oceano.
Não se esgota,
Não é tudo nem nada,
É o vazio íntegro da totalidade.

O que não tem fim nada sustenta
Não é sustentado
Não é teu ou meu,
De qualquer marca de gente,
E quando por mim passa, estou certo:
Não há “eu”, apenas o vácuo da mente.

O tempo dos tempos
É percorrido em mutações sucessivas,
Inesperadas, no seio do que sem começo nem fim
Muda e flui na sua majestosa permanência
E enganadora aparência.

Muitos milhões são as galáxias,
Incontáveis os profundos “universos”
Fabricando-se e desfazendo-se

Por amor da união e da desintegração
No tempo eterno e espaço infinito
Do que permanece
Na dança cósmica dos mundos.

Não houve princípio,
Não haverá fim.
Inventaste o princípio e os deuses
Atormentado por medos
E pelo sentimento do vazio entediado
Gerado pelo cárcere do tempo
E pelo esquife do espaço imenso.

Há um campo de concentração
Onde abunda a fome de espírito.
Os reclusos alimentam-se de fantasmas
Enquanto o cérebro esquelético
Se degrada e definha.
Há gente de esperança e desespero,
Todos ludibriados por espectros visíveis,
Almas de outro reino inventado.

Quando vos conheço (neste mundo, sim, porque outros os há...)
Amo-vos.
Por vezes, mutilo-vos pela adaga,
No entanto, amo-vos.
Amar não é mentir, adular –
Reservado, acautelo-me,
Protejo-me da superficialidade,
Da falta de seriedade.
A mim busco-me na profundidade
E ilumino-me na escuridão,
No breu da noite
Que parece não ter fim.

Estou no mundo, mas o mundo não me vê
Nem ter me quer (e para que havia de me querer?).
A luz envolve-me e reina a escuridão
De cegos que o são por não almejarem ver.

Amo os outros sem os abandonar,
E eles não o sabem e nunca o irão saber.
Não os quero desamparar,
Mesmo os que trilham caminho próprio
Sem clamar por auxílio,
Por quem os proteja.
Compassivo é o que não interfere,
Que está longe e perto,
Nem cá nem lá,
Distante, afectuoso,
E áspero se o tiver de ser;
O que tiver de ser que seja
O que for será.

Vivo na obscuridade,
Reservado e quieto na acção.
Os desejos extinguem-se,
Não sei o que é a ambição.
Nem sequer sei o que sou
Nem o que quero ser.
Sou o que não tem significado e que perante o mundo
É apenas o insignificante sem rumo,
O caminhante do nada.

Não ousa desejar, até o desejo do Ser é ilegítimo;
Nenhum desejo é permitido, apenas o do ancoradouro.
Desejar –
Desejar a ausência do desejo já é desejar.
O desejo é insaciável, a ambição desmedida,
A paixão dilacerante e o apego mata.
Só existe alívio para quem a si se basta.

Não saio de casa; do meu pequeno e dócil quarto
Vejo tudo o que se pode ver,
Conheço tudo o que se pode conhecer.
Viajo sem me movimentar, conheço sem ler,
Ajo na tranquilidade e por todo o lado
Sopra o vento da felicidade.

Sou abastado por nada possuir.
Sou forte por sem esforço me vencer;
Poderoso sem me mexer.

Poderei eu perder o que não tenho nem intento ter?

O que faz muitas coisas e guarda o seu fruto
Não o conservará: tudo perderá.
Quem age sem intenção frutifica naturalmente.
Quem busca, perde-se no além da floresta virgem
E nada retém ou encontra;
Encontrar significa liberdade.
Quem quiser guardar a reputação, perdê-la-á,
Quem quiser amontoar riqueza, arruinar-se-á,
Quem quiser aferrolhar paixões, corromper-se-á,
Quem quiser escudar-se do perigo, perecerá.

Morto, ficarei onde estou, estarei onde não estava,
Verei o que não vi, sentirei o que não senti,
Serei o que não sou e irei onde não vou.

Séculos e séculos a investigar a morte
Que dilacera corações e agrilhoa espíritos.
Sabeis o que é a morte? Sabeis o que é morrer?
Se falecerdes para o passado a cada minuto,
A todo o instante, sabereis o que é o decesso,
O que é fenecer.
Extinto o “ego”, resta a Mente vazia
Na paz dos tempos infindáveis.
Afiml, o que por tanto procurardes
Nunca encontrásteis, nem encontrareis.

I

As nuvens estão a chover
Paradas –
Eu movimento-me.
As nuvens estão a chover
Em movimento –
Eu paro.

Age a Natureza
Pela paciência.
Os dragões voadores
Planam nos céus
Por cima dos hortos –
Os que voarem para alturas
Inóspitas e desconhecidas
Renegando a prudência,
Perderão a constância
E cairão no Vale dos Mortos.

O mais profundo do abismo
É cavado e negro –

Nas profundezas da escuridão
Ficam os desprevenidos encarcerados.

II

A terra fecunda
Está receptiva –
Recebe o alimento do céu.
Na montanha
A minha imobilidade
Inibe a sementeira.

Por vezes,
Sobressai em mim
A gentileza, a docilidade,
A humildade –
Ser humilde
Não é ser humilhado.
A força da alma
Embarga-mo.

Cerrei o alforge –
Não entram
Nem saem pensamentos
E a mente está serena
Na doçura da imobilidade.

Geadas no vale,
Batalha no campo –
O meu sangue é amarelo-escuro.

Aguardo o combate dos leões
Para repousar no dorso da égua casta.

III

Trovões nascem das nuvens
Rolando pelas encostas do céu –
As minhas lágrimas são de sangue.

Entrei na floresta
Perseguindo o veado real –
Minha montada estancou,
Imóvel ficou sem pestanejar.
Não prossigo –
Estou abatido e exausto
Mesmo na inacção.

IV

Da montanha dos dias azuis
Brotam as águas de dois nascentes
Num só –
Águas diferentes,
Águas inocentes,
Que não as mesmas.

V

O rio é vasto –
Suas águas extensas
E caudalosas.
A corrente barra-me;
Volto à margem,
Ao lodo;
Do lodo à areia de sangue,
Onde os convidados me aguardam.

VI

Os céus límpidos
Rejeitam a água ascendente –
Escondo-me na obscuridade,
Na profundidade da fossa abissal.

VII

O veio de águas límpidas
Trespasa o coração da terra
E a sua superfície violentada
Por um exército em debandada.

Três vezes o general o instruiu,
Três vezes ordenou ordem,
Seis vezes ordenou a retirada
E nada.
Há desordem, vaivém,
Demasiadas baixas,
Desdém.

VIII

Da humildade nasce a harmonia
Em equilíbrio –
Perfeito é o acordo das entranhas
Com o mundo.

IX

De Ocidente chegam nuvens
Carregadas de negro-pérola
Sem chuva,
Arrastadas pelos ventos.
Viajo num carro sem rodados,
Os meus olhos no horizonte,
Longe dos teus
Luzentes de lágrimas –
Já choveu.

X

Um céu, um lago,
A floresta densa
Do tigre que repousa.
Estou sozinho
Na longa caminhada
Em que o espezinhei
Sem ser atacado.
A minha intenção é firme,
Natural e boa
Como as águas passadas –
O soldado continua o seu caminho
Sem comandante
Ou a quem comandar.

XI

Curvou-se o céu
Beijando a terra virgem.
O alto e o baixo tranquilizam-se.
À beira das águas
Arrancámos os juncos
E amámos os desafortunados,
Amando-nos a nós
Nos muros graníticos
Da fortificação imaculada.

XII

Os céus longínquos
Alhearam-se da terra fecunda.
O que vem fica,
O que vai não volta.
Ambos choram e riem
Na servidão do espaço.
O muro da perdição não se desmorona.

Depois do muro em pedra solta
O contentamento alegre –
Finda a obstrução, a realização.

XIII

Atravessando o Rio Grande
Encontrámo-nos no deserto
E acendemos o fogo do amor
Na noite fria de estrelas ocultas.
Da cooperação nasce o equilíbrio,
Da integridade a sabedoria.

XIV

O fogo intenso sobe aos céus
Extinguindo o mal.
A insignificância humana
É desfavorável e perniciosa
E deve ser repudiada –
A inocência produz o bem.

Da minha mente
Saem palavras de verdade
Que deveriam gerar confiança
Mas apenas alimentam a maldade
De perversos e culpados –
Um carro pequeno carregado
É o nosso engano,
A falsidade.

XV

O Espírito fere o farto
E enobrece o humilde
Na sua grandeza surda e muda.
O cume da montanha
É humilde, modesto –
Cultivar a humildade é hipocrisia,
Ser humilde é auspicioso.

XVI

Sol e Lua percorrem as suas órbitas.
As Estações sucedem-se:
Primavera em floração,
Estio de fogo, Outono rubro,
Inverno de recolhimento.
Há uma suave e secreta harmonia
No mais íntimo do meu ser.
Com a luz vem a sombra –
O cavalo branco alado
Não deixa rasto
Nem na terra nem nos céus.
O cavalo preto da retaguarda
Não afecta a terra em movimento –
Estou feliz.

XVII

O poente está no horizonte
Belo como nunca,
Inocente como sempre.
O Sol fecha os olhos vagarosamente
E eu repouso com ele
No seio de luz
Que com leveza se apaga
Aguardando o novo dia.

Desejo do desejo –

Ansiedade.
Sinceridade e caminho –
Clareza.

XVIII

Há uma brisa no sopé da montanha
A acariciar a rocha inerte.
Sublime e suave, detém-se
No seu próprio movimento
Retornando ao centro
Como quem começa de novo,
Sem começar,
Tal o rio que esmorece no Verão
Sem secar.

XIX

O cavalo branco
Debate-se no pântano;
Com esforço liberta-se –
A salvação tem a sua origem
Na pureza e rectidão.

XX

O vento subtil varre a Terra,
Observa-se e contempla-a.
Que doce e gentil visão –
Há paz na contemplação.

XXI

Mordo apenas,
Apenas com intenção de morder.
Assim supero barreiras
E inutilizo a canga que me oprime,
Que impede o ouvir e o ver.

XXII

A fogueira dos deuses
Ilumina o cume áspero.
A luz das labaredas
Invade as veredas.
No caminho há alegria
E simplicidade.
Não há ódio,

Não há rancor,
Nada que cegue a límpida visão
Da Realidade
Dos jardins imponentes
Tecidos momento a momento.

XXIII

Àquele que tem dar-se-lhe-á
Ao que não tem retirar-se-á.
A perdiz fraca queda-se no ninho,
O boi doente não vai ao verde pasto,
Fruto que não é maduro é rejeitado.
Quem não tiver onde reclinar a cabeça
Mantenha-se imóvel.

XXIV

Regresso ao coração do Universo
Onde aguardo paciente
Que me seja apresentado
O mistério da Criação.

Mas o retorno
É à eternidade
Sem começo.

XXV

Há relâmpagos na noite
E trovões cortantes
Inundando o silêncio das trevas –
Os tambores celestes são fiéis ao Todo.

XXVI

O carro não tem eixos,
O cavalo persegue,
O boi novo tem madeira nos chifres.
As presas do cerdo capado
Estão na encruzilhada do céu –
Segura é a edificação.

XXVII

O corpo alimenta-se,
O espírito nutre-se.
O excesso de discursos
E a mesa repleta
Destroem –
Ambos são assento
De estultos.

XXVIII

A pedra angular desgastou-se,
A viga mestra vergou-se –
Hora de recolhimento
No encalce da paz,
Da tranquilidade,
Da gratuita serenidade.
Não há medo na solidão
Nem ansiedade no afastamento,
Mas alegria e congratulação.

XXIX

A água corre silenciosa
Em veios visíveis
Mas inaudíveis.
As armadilhas sucedem-se
Na sua arrojada acção.
Quem cai no abismo é sepultado no fundo.
Ergue a tua taça
Num brinde ao mundo imenso
E do fosso verás a claridade –
Não abandones a sinceridade.

XXX

Fogo é paixão e luz,
União e clareza.
Estranha é a beleza
Da destruição –
No verdadeiro é vantagem
Estar à mesa e ter
A candeia acesa.

XXXI

Quem se senta no lago da montanha
Enxerga com sentimento favorável
O que em baixo está,
Derramando em sussurro as suas palavras
Na partilha da afeição.

XXXII

Trovão e vento harmonizam-se.
O Sol e a Lua têm o Céu.
O verdadeiro persiste
Em estável equilíbrio.

XXXIII

Há hipócritas, vigaristas,
Corruptos, mentirosos,
Ignorantes e incompetentes,
Gente descomposta.
Afasta-te deles.
Eu retiro-me, reservo-me,
Protejo-me –
Com sucesso afasto a indecência.

XXXIV

Não deixo que me firam a verdade.
Antes a espada à fraqueza
Para que o poder da grandeza me persiga.
O trovão purifica os céus,
A verdade a alma –
Não sou complacente
Até à exaustão,
À perda da energia.

XXXV

Os cavalos brancos correm na planície
Inundados de luz.
Tudo é incandescência directa e por reflexão,
Caminhando no progresso
Até à evidência do fim,
Até se exaurir a íntegra plenitude.

XXXVI

O sábio mergulha nas profundezas
Da Noite Escura
Sofrendo privações,
Dores erráticas –
Perseverando verá brilhar a luz.

XXXVII

Da fogueira saem línguas de vento.
Está no interior o que do interior é
E no exterior o que é do exterior.
No sossego e docilidade do lar
Está a harmonia do mundo.

Quando os pais são pais
E os filhos filhos
A maior perda é a da fidelidade.

XXXVIII

O fogo sobe aos Céus
Enquanto o húmido desce à terra.
O céu opõe-se à terra,
Mas os seus esforços conjugam-se,
E os seus desejos conciliam-se.
Os contrários identificam-se
Sem se humilharem.
Foge o cavalo branco pela encosta
Desaparecendo nas ravinas ocultas.
A canoa vazia
Amontoa-se de espectros horríveis,
Mas, chove
E a alma aquieta-se.

XXXIX

Sopram ventos de Nordeste
Contra as torres de metal.
A água cobre as montanhas
Sendo inútil a ascensão.
Retorna a ti,
Ao teu centro inabalável,
Só ou acompanhado

Promovendo o justo equilíbrio
Da inevitabilidade.

XL

Sopram ventos de Sudoeste.
Extinto o Nordeste
Com chuva e trovões,
Caçadas as três raposas
Há harmonia na caminhada.

XLI

Uma taça vazia
Outra plena.
A plena esvazia-se,
A vazia enche-se
Assim findando avareza e ódio.

XLII

O vento sopra,
O trovão ensurdece –

O aumento supera-nos.
O mais alto fica mais baixo
E o mais baixo mais alto.
Com o tempo
Atravessa-se o rio
Na direcção dos Céus.

XLIII

Não há fraqueza na vontade
Nem hesitação na sabedoria
Quando a água ascende aos céus.
No estado de completa atenção
Os saltadores da noite serão repelidos
Mesmo que sós viajemos.
Não havendo carne nas nádegas
É o andar vacilante
E ouvir as palavras de sonhos sem acreditar
Designa que a audição não é clara ainda.

XLIV

O vento está por baixo do céu
E o encontro é inevitável.
Suavidade e dureza confrontam-se;
O poderoso é inconciliável com a fraqueza.
Será necessário que algo desça dos céus
Para que o porco magro desapareça.

XLV

Os sábios defendem-se;
São múltiplas suas armas,
Tantas quantos os inimigos,
Adequadas a cada acção.
Defendendo-se da contenda
Antes da execução,
Não haverá lamento, choro
E perda de alimento.
Se nada restar para além do combate
Erguei a adaga mortal,
Sós,
Ou tendo por aliado um general
Em guerras experimentado.

XLVI

Na terra crescem árvores
E erguem-se torres
Em constante ascensão.
O vento transporta com leveza
A ave que plana receptiva
No caminho sinuoso
Para o Reino do Vazio
E o ser que os degraus sobe
Verá a harmonia,
O justo equilíbrio.

XLVII

Quando o lago está seco
Perde-se o ânimo,
Fica-se exausto.
Nada se obtém de terra seca
E gretada.
O vale escuro do coração degrada-se,
O quarto está vazio,
O nariz e pés decepados
No lento trilhar da felicidade
Que não admite abatimento

XLVIII

O vento sopra na base da água
Que sobe na estreita fenda da terra.
Mergulha nas tuas profundezas
Como o peixe pequeno do fundo do poço,
Sozinho, sem que o balde se despedace
Ou o cântaro se quebre.

XLIX

Alguns mudam como tigres
Outros como leopardos –
É justo usar a pele do boi amarelo.
Água e fogo extinguem-se
Em contínuas mudanças.
Os arquitectos da ponte
Não a querem armar no mesmo local.
Os edificadores do templo
Divergem no material.

L

Reuni madeira, vento,
Ateei o fogo –
É seguro o resultado,
O alimento aí cozinhado.

LI

Chegou o trovão com seu ribombar
Ecoando nos céus dormentes.
O medo acompanha-o por momentos
Fazendo tremer a terra inocente –
Depois da tempestade a bonança

Na subida dos nove montes.

LII

Há um tempo de quietude
Na montanha inerte e sóbria.
Também eu me quedo
Em perfeita imobilidade
Aguardando o tempo próspero da acção,
O momento que não apresso
Da súbita iluminação.

LIII

Não tenho pressa,
Não estou impaciente,
Cresço como a árvore lenta
Na cumeeira da montanha
Em partilha com o céu
Comungando a terra.

LIV

O trovão estremece o lago.
Tudo está como é
E deve ficar como está –
Satisfaz-te com o presente.

LV

O trovão e a luz
Iluminam as ameias do castelo
E o banquete é lauto.
Enchem-se as mesas luminosas
E de alegria os corações,
Mesmo os dos incautos
Quando a estrela do Norte
Não é de dia divisada.

LVI

Acendemos a fogueira
Na cimeira da montanha.
Interrompida a viagem
No repouso e silêncio do alto

Não há contenda
Mesmo perdendo a seta
Que sacrificou o faisão.

LVII

Cavalgo no vento
Seja qual for a sua direcção.
Com gentileza
Acolho-me no seu seio
Trilhando sem exaustão
Os caminhos do céu.

LVIII

A água límpida purifica
O prazer, a alegria –
Extingue-se o medo da morte.

LIX

O vento sopra lento
Na água calma da barragem.
O sangue está disperso
Na multidão que se agita em viagem.

LX

Recolhe-te no pátio interior
Mas não abandones o exterior.
Se o não fizeres
A quem poderás culpar?

LXI

Há vento no lago
E uma embarcação ao largo
Sem timoneiro,
Sem passageiro.
Um grou grasna na sombra da margem,
Ao longe o rufar de um tambor
E o choro de uma criança –

Apenas a justa dança
Que acontece no meu interior.

LXII

Um pássaro voa para o alto
E o seu grito desce.
O pequeno não fenece,
Deixa-se arrastar pelo refluxo da maré
Com reverência e frugalidade,
Contenção e prudência.

LXIII

A consumação opera no pequeno
E estriba-se na correcção,
Como quem arrasta rodas.

LXIV

A raposa atravessou o rio
Molhando a cabeça –
Desprezou a experiência.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG